

Goiânia, 29 de abril de 2021.

Carta à professora Adriana Delbó

Professora Adriana, como vai?

Eu por aqui vou sobrevivendo nesses dias difíceis. Nossos encontros nas aulas têm me oferecido mais do que sobreviver, mas o prazer de me elevar a questões interessantes e que me mobilizam, fazendo com que eu me movimente e não me sinta paralisado como em fevereiro/março de 2020.

Uma dessas mobilizações é a questão da avaliação, já partilhei um dia de como tenho um pânico desse que é o trabalho de julgar o outro, o trabalho do outro. Parece que essa questão de julgar é fácil somente quando o julgamento tem a crítica como fim único, uma crítica quase como um cancelar, o importante não é desenvolver o criticado, mas sim atribuir valor, bom ou ruim, 0 a 10, mas pouco comprometido com o desenvolvimento de quem é criticado. Essa avaliação, por sua vez, é extremamente complexa, complicada, mas rica. Nada contra atribuir valor, criticar alguém. Faço nos tricôs com os amigos, mas não parece o adequado para relação professor-aluno.

O que aprendi nessa oficina - como na licenciatura em geral - é que há uma possibilidade de se construir uma avaliação que seja parte do processo de ensinar, como bem disse a senhora mesmo, em seu texto *Tramas da filosofia: entre o pensamento e a avaliação* - da possibilidade de disparar essas mobilizações do pensamento e que esse movimento pode ser contínuo, que tenha como perspectiva o desenvolver do aluno e não o punir. Entendi que o avaliar é também um avaliar-se, uma possibilidade de comprovar se foi compreendido e que o professor não é o único agente nesse processo, os alunos também podem se avaliar onde o professor é o mediador dos cuidados entre os pares. Os alunos que compõem esse processo devem ser construtores dos critérios de avaliação, como aponta Lídia Maria Rodrigo em seu livro *Filosofia em sala de aula*.

O texto de filosofia é um lugar caro para nós, os filósofos, mas não parece o único meio de avaliar o fazer filosofia. Compreendo esse fazer filosofia dentro desse campo da práxis - que é o mais caro a mim - onde elevar a experiência do concreto ao abstrato e do abstrato de volta ao concreto que ganha nesse segundo olhar uma complexidade maior. Quando nossos alunos conseguem partir de sua experiência ao acessar esse conteúdo abstrato que é o conceito filosófico de volta a concreto e a aplicação do conceito, creio que o aluno fez esses passos de

humanizar-se como diria Paulo Freire, tornar seu o conteúdo que a humanidade produziu ele dá notícias de que meu trabalho como mediador teve êxito.

Esse processo, por sua vez, pode se expressar de diversas formas onde o texto é somente uma delas, uma música, uma poesia, um desenho podem ser possibilidades de avaliação onde possa sentir livre para expressar o que aprendeu. Como Marighella que fez uma prova de física em versos¹ ou um professor de Ribeirão Preto que substituiu uma “prova” por um desenho². Duas possibilidades sendo a primeira uma proposta do aluno - e é importante receber esses outros modelos de avaliação quando possibilitado - e uma partindo do professor que reconhece as potencialidades dos alunos. Claro que a necessidade de compreender o uso da língua não pode nunca nos fugir à vista e é também um desses conteúdos criados pela humanidade que o aluno merece acessar.

O campo da avaliação é um lugar de muitas possibilidades que será alvo constante de meus pensamentos, como a senhora mesmo propõe, como possibilidade de mobilizar o pensamento e não de punir.

Att, Patrick Ferreira

¹ <https://www.marxists.org/portugues/marighella/1929/08/23.htm>

² <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/educacao/NOT,0,0,1416640,professor+identifica+talento+de+aluno+e+substitui+prova+por+desenho.aspx>